

***Ad te scribam nescio: Cícero exilado e o uso do páthos para escusar-se da obrigação de escrever***

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira  
csoalessandro@gmail.com  
doutorando/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Camilla Ferreira Paulino da Silva  
doutora/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
camillapaulino@gmail.com

**RESUMO:** Analisamos o uso de recursos retóricos no discurso epistolar de Cícero que permitiam a preservação do *éthos* (MAINGUENEAU, 2014) do orador em seu período de exílio (58–57 AEC). A partir das correspondências, os aristocratas romanos dos fins da República mediavam suas relações sociais à distância, utilizando missivas para a substituição das interações pessoais nos momentos necessários. Considerando que a ausência (*absentia*) de *amici* poderia ser considerada problemática e que a demora ao enviar cartas poderia acarretar problemas ao *éthos* de um cidadão romano, Cícero se utilizou de recursos *pathetici* ao apropriar-se de seu exílio para mitigar os possíveis danos de sua escrita infrequente. Assim sendo, selecionamos trechos de cartas escritas por Cícero em seu exílio e analisamos como ele utilizou do *páthos* para a preservação de seu *éthos* no discurso epistolar. Concluímos que a situação do exílio permitiu uma escrita única, que pôde subverter as expectativas do comportamento de um aristocrata.

**Palavras-chave:** República Romana; Retórica; Epístolas; Cícero; Exílio.

***Ad te scribam nescio: Cicero in exile and the usage of pathos to avoid the obligation to write.***

**ABSTRACT:** We analyze the use of rhetorical resources in Ciceronian epistolary discourse through which the preserving of the orator's *ethos* was possible (MAINGUENEAU, 2014) during his exile (58-57 BC). Through their correspondence, Roman aristocrats of the final years of the Republic mediated their social relations at a distance, using letters as an alternative to personal interaction, whenever necessary. Considering that the absence (*absentia*) of an *amicus* could be considered problematic and that the delay in sending letters could cause problems for the Roman citizen *ethos*, Cicero used *pathetici* resources

when figuring his exile to mitigate the potential damages of his infrequent writing. Thus, we selected excerpts from letters written by Cicero in his exile and analyzed how he used pathos for the preservation of his *ethos* by means of his epistolary discourse. Cicero's exile allowed him to write in a unique way, which subverted the expected behavior of an aristocrat by using his pathos.

**Keywords:** Roman Republic; Rhetoric; Epistles; Cicero; Exile.

## Introdução<sup>1</sup>

Considerando a existência de diversos modos de as aristocracias romanas reafirmarem sua posição social, comumente observamos na escrita epistolar uma variedade de elementos que compõe os rituais de interação dessas elites. Essa tradição criou expectativas de comportamento e, de certo modo, uma obrigatoriedade em cumprir demandas para que indivíduos pudessem se manter alinhados com seus pares, o que fez com que muitos romanos investissem vastamente na promoção de sua imagem por meio do patronato e do evergetismo<sup>2</sup> (LOMAS, 2003, p. 7). No entanto, os membros das elites romanas nem sempre podiam cumprir essas expectativas, pois havia a possibilidade de passarem por crises financeiras e por outros problemas que os impossibilitariam de agir nesse sentido, causando estranhamento e prejudicando a imagem do aristocrata. No caso que aqui nos interessa em particular, a condição de exilado colocou em risco o pertencimento de Cícero às elites romanas pela impossibilidade de contatar seus *amici* com a devida frequência, fato evidenciado por ele nas epístolas.

Esta análise trata do início da década de 50 do século I<sup>3</sup>, momento em que as instituições romanas passavam por transformações em decorrência do aumento do prestígio dos generais (*imperatores*) em detrimento da popularidade dos senadores. O apoio dos militares na política da República passou a ser fundamental, podendo determinar o destino político de muitos aristocratas que buscavam alianças com eles. De fato, observam-se, por um lado, muitos benefícios na boa relação com esses indivíduos; por outro lado, a perda de seu favor poderia significar o desamparo político para um romano, culminando em sua exclusão social. Isso ocorreu com o ex-cônsul de Roma, Marco Túlio Cícero, que, no ano de 58, foi exilado em decorrência da rogação apresentada por Públio Clódio Pulcro, um de seus principais adversários políticos àquela época. Clódio abandonara suas honrarias enquanto membro da *gens Claudia* para poder pleitear o cargo de tribuno da plebe (BILLOWS, 2009, p. 102). Ele e Cícero tiveram uma inimizade não apenas por serem defensores de discursos opostos, mas também por razões pessoais. Conta Plutarco (*Cic.* 29.5; *Caes.* 10.6) que Clódio invadira a casa de César durante o festival da *Bona Dea*<sup>4</sup>, vestindo-se de mulher para poder

---

<sup>1</sup> Este artigo baseia-se, em parte, na dissertação de mestrado intitulada “Quid Enim Sum? O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana” (2019), que foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Evergetismo é o nome dado por acadêmicos à prática das elites de fazerem obras públicas ou doações que resultassem na construção de um bem público, como templos, prédios públicos, festivais, jogos, organização de banquetes etc. (ZUIDERHOEK, 2009, p. 71).

<sup>3</sup> Todas as datas mencionadas neste trabalho tratam de antes da era comum (AEC).

<sup>4</sup> Nos festivais à *Bona dea* (“boa deusa”), a participação era exclusivamente feminina, o que tornou a intrusão de Clódio mal vista (SANTOS, 2018, p. 162) (*Cic. Har. Resp.* 21.44).

seduzir a esposa do triúviro. Devido a isso, Cícero proclamou um discurso contra ele, mas o réu foi absolvido, alegando estar a 90 milhas de Roma no período do festival (MAY, 2002, p. 10).

O conflito político acirrou a disputa entre os dois. Clódio, no final de 59, ocupara o tribunato da plebe, o que lhe garantiu popularidade e prerrogativas para aprovar determinadas leis, dentre as quais destacamos a distribuição gratuita de grãos às massas, ato que Cícero considerou prejudicial à República (*Sest.* 103). Tempos depois, o tribuno conseguiu retirar aliados essenciais de Cícero, como Catão (MATOS, 1999, p. 15), da *urbs*, dividindo a aristocracia tradicional e fortalecendo as propostas políticas de opositores. Ao estabelecer um cenário no qual diversos aliados ocupavam cargos, ele pôde mais facilmente lidar com Cícero ao aprovar a *Lex Clodia de capite civis romani* (“Lei Clódia pela vida de um cidadão romano”), que punia indivíduos responsáveis pela execução de réus sem julgamento prévio, tal como ocorreu com os conjuradores de Catilina. O resultado disso foi o exílio de Cícero, que estava diretamente envolvido nessa questão. Durante esse período, Cícero visou negociar sua posição social a partir de aliados que pudessem levá-lo à *restauração*<sup>5</sup>, o que significa que a interação com esses indivíduos era de suma importância para a efetivação dos objetivos do orador; esse contato ocorria por meio de cartas.

## 1. A epistolografia e a retórica para um aristocrata exilado

A sociedade romana nos fins da República, apesar de nos ter legado uma grande quantidade de textos literários, é comumente caracterizada como uma sociedade oral. Os aspectos culturais da literatura latina, regidos por regras específicas de seu contexto histórico, tal como afirma Fox (2007, p. 370), expressavam a escrita da mentalidade retórica, que também determinava os parâmetros das performances do discurso falado, tornando possível a percepção de características da oralidade no texto escrito<sup>6</sup>.

Por outro lado, podemos observar uma consciência dos autores latinos acerca da diferenciação entre os discursos retóricos, uma vez que o espaço discursivo do orador era, claro, muito específico, afastado, por exemplo, do *sermo* (“conversa”) cotidiano (SANTOS, 1999). O orador, porém, poderia adequar seu discurso, e a epístola, funcionando como comunicação com o propósito de emular o contato interpessoal, auxiliar-lo-ia nisso (EBBELER, 2001, p. 266).

<sup>5</sup> É o termo utilizado para se referir ao processo de retorno de um indivíduo que foi banido de sua cidade (KELLY, 2009, p. 14). Leva-se em conta não apenas a ocupação do espaço físico em si, mas também o que essa ocupação representa em relação ao prestígio social perdido por conta do exílio.

<sup>6</sup> Muitos textos eram produzidos a partir de discursos pronunciados oralmente, e muitos até simulavam uma situação pessoal, mantendo propositalmente a função dialógica das relações interpessoais. Isso se deve pelo fato de, em Roma, a comunicação oral possuir um papel fundamental para a construção e disseminação do texto escrito. Para mais informações, cf. Fox (2007).

Evidenciando essa distinção, Cícero delimitou fronteiras entre a oralidade e a escrita ao estabelecer o modo como a retórica aparecia em ambas as modalidades discursivas e ao modelar a forma de entendê-las (*Off.* 2.48).

Para o maior aprofundamento de nossa base teórica, faz-se necessário recorrermos a Aristóteles, por ter ele sistematizado uma prática anterior ao século IV, pela qual os oradores atenienses disputavam um espaço de poder apoiados na arte persuasiva. Segundo o autor, a retórica era correlata à prática dialética, que, por meio da teoria da argumentação, buscava encontrar os meios de persuasão mais adequados para cada caso ao expor a verdade ou o que parece verdade segundo as distintas modalidades de provas (*Rhet.* 1354a). Além disso, o filósofo destacou que a verdade poderia ser defendida pela retórica, pois, pela natureza, a mentira é mais fraca em termos persuasivos (*Rhet.* 1355b). Dessa forma, ao contrário do que se pode pensar, essa técnica não é um discurso florido vazio, mas sim, a sistematização dos modos mais eficazes na prática persuasiva do discurso.

Com o passar do tempo, a conceptualização aristotélica de retórica foi apropriada pelos rétores romanos, de maneira que foi reinventada segundo seu próprio contexto de produção. Por exemplo, Cícero (*Rep.* 1.33) a define como o modo pelo qual os *uiri boni*<sup>7</sup>, guiados pelo destino, passaram a se organizar cooperativamente em sociedade. Nesse sentido, os aspectos culturais da retórica eram fundamentais para a concepção da sociedade romana, mas, mais do que isso, essa técnica

desempenhou um papel importante em munir a jovem elite masculina de Roma com o treino e a experiência necessárias para defender e manter a sua posição na arena pública. A prática da retórica em reuniões públicas (*contiones*), tribunais, Senado, fórum, funerais públicos e salões era tanto uma marca de privilégio social como era um reflexo do poder político e social da classe dos patrícios. [...] Mas o auge da retórica romana parece ter sido alcançado no Senado, ainda que suas regras prescritas e tradicionais, sua hierarquia social e as alianças políticas tenham predeterminado, se não limitado, a sua prática por profissionais altamente qualificados. (DOMINIK, 2012, p. 96).

Dominik esclarece o quanto a retórica englobava a sociedade romana em diversos aspectos culturais, envolvendo e influenciando diretamente os seus vínculos

---

<sup>7</sup> Compreendemos *uir bonus* como sendo um modelo de cidadão criado pelos aristocratas romanos que congregaria uma série de virtudes que podem variar segundo o contexto histórico.

sociais, pois, a partir deles, possibilitava-se tanto a ascensão social<sup>8</sup> quanto a preservação do que é chamado, em termos retóricos, de *éthos*. Trata-se de um conceito compreendido como um elemento intradiscursivo que estabelece um comportamento socialmente aceito e avaliado, intrinsecamente integrado ao processo comunicativo (MAINGUENEAU, 2014, p. 269).

A retórica, portanto, não deve ser vista como uma série de preceitos e princípios arbitrários, mas como uma expressão ideológica (e discursiva) (CORBEILL, 2007, p. 69). Isso ocorria – para além de outras razões – devido ao papel educacional ocupado por ela nos fins da República e no início do Principado. Afinal, a educação abria pouca margem para a individualização do pensamento do aluno do rétor, acabando por fortalecer a ideologia dominante ao moldar o comportamento dos estudantes (MORGAN, 1998, p. 223-225). Além disso, a retórica se apresentava em práticas do cotidiano, como nas *salutationes* matinais romanas e nos encontros no fórum, entre outros ritos que corroboram a criação de uma identidade aristocrática (WOODWARD, 2000, p. 10).

Portanto, a retórica, para além de um método persuasivo pelo qual os indivíduos defendiam suas causas em assembleias públicas, era também a sistematização da maneira de se criar um discurso, em gêneros textuais e orais. Hansen (2013, p. 12) nos elucida que todo enunciado “é produto de um ato singular de enunciação e é irreduzível à abstração da frase da gramática e às fórmulas sem sujeito da lógica. Essa singularidade é retórica.”. Isso significa que, no momento de enunciação, é impossível desconsiderar a recepção do discurso ao se relacionar com outros elementos do campo discursivo e da sociedade. Assim, a maneira de se comunicar se torna retórica a partir do momento em que o sujeito reflete acerca das consequências do enunciado quando este chega aos seus receptores, polindo sua fala para torná-la mais eficaz e diminuindo os danos que os discursos podem causar às relações com outros indivíduos.

Tais relações, porém, não se limitavam ao contato pessoal; também podiam ser mediadas por canais vários de interação social. Na Antiguidade, para além das obras literárias em geral, as epístolas eram veículos de interação pessoal e social (EBBELER, 2001, p. 11) e, portanto, tinham lugar nos rituais que aqui nos interessam. Conceituar gêneros textuais não é tarefa simples, dado que uma mesma categoria ou termo pode ter diversos sentidos e acepções. Por isso, apoiamo-nos na conceituação de Trapp (2003, p. 1), que trata do gênero epistolar como

---

<sup>8</sup> Grande exemplo disso é o próprio Cícero. Ele alcançou a maior magistratura em Roma mesmo não sendo de família tradicional, obtendo sucesso a partir de seu investimento no empreendimento oratório.

uma mensagem escrita por uma pessoa (ou um grupo de pessoas) para outra, exigindo ser fixada num suporte material, que por si só é para ser fisicamente transportado entre o(s) emissor(es) e receptor(es). [...] Pode-se também acrescentar, a título de explicação, que a necessidade de uma carta como um meio de comunicação normalmente surge porque as duas partes estão fisicamente distantes (separadas) uma da outra, e, assim, incapazes de se comunicar por voz e gesto sem mediação; e que normalmente se espera que uma carta tenha um comprimento relativamente limitado.

Pondo em diálogo essa definição com a obra de Ebbeler (2007, p. 307), que afirma que na República romana havia um jogo social a ser seguido no discurso das missivas, diretamente influenciado pelas relações sociais do autor e seu destinatário, entendemos o convívio e os rituais de interação entre aristocratas como fundamentais para a manutenção tanto de seus *ethé* quanto de seus vínculos estabelecidos em relações de *amicitia*. A *amicitia* é a maneira pela qual os romanos se referem a um vínculo afetivo que comumente traduzimos como “amizade”. Essa tradução, todavia, não pode ser feita sem ressalvas, pois apesar de não envolver uma formação de obrigações estabelecidas legal ou formalmente, a *amicitia* sempre era associada a alianças e a expectativas de comportamento que visavam o interesse comum das partes envolvidas (Cic. *Amic.* 1.2; Cic. *Off.* 1.55). Caso um dos *amici* não cumpra com essas expectativas, ele poderia se tornar um pária para a sociedade, pois era esperado de um *uir bonus* o sentimento de gratidão e devoção (2.20.69). O alcance da *amicitia* é vasto, indo desde a intimidade e afinidade das relações até a cortesia e a etiqueta impostas pelo costume (BRUNT, 1988, p. 381).

Notamos, portanto, não apenas uma função comunicativa, mas a realização de rituais sociais a partir das missivas que permitem que a interação ocorra à distância. Entre as diversas cartas de Cícero, podemos observar convites, congratulações, recomendações, conselhos, pedido de desculpas ou até súplicas por atitudes que levam em consideração a posição social de seu destinatário, possibilitando que o autor trabalhe em seu texto o discurso que, em tese, geralmente se daria pessoalmente. O corpo material da carta, dessa forma, ao alcançar seu destinatário, funciona como metonímia do corpo ausente do autor<sup>9</sup>.

Cícero, em epístola escrita a Curião, traz algumas de suas impressões acerca de sua concepção de carta. Ali podemos observar que ele não trata apenas da função pragmática do gênero:

---

<sup>9</sup> Cf. Ebbeler (2001).

Que existem muitos tipos de cartas você sabe, mas o único mais certo é aquele pelo qual a própria coisa foi inventada, para que informássemos aos ausentes caso ocorresse algo que pudesse lhes ou nos interessar. Esse tipo de carta de mim, por certo, não deve esperar; de fato, você tem escritores e mensageiros dos seus assuntos domésticos, mas em relação aos meus, nada há de novo. Restam dois outros tipos de carta que me deleitam bastante, um familiar e jocoso e o outro severo e grave. Não sei qual menos me convém utilizar. Brincaria com você através de cartas? Não acredito que seja possível um cidadão rir nestes tempos... Escreveria eu algo mais sério? O que há de ser escrito mais seriamente de Cícero a Curião que não os assuntos da República? Além disso, é neste tipo que minha causa se encontra, de forma que eu nem ousaria escrever o que sinto e nem gostaria de escrever o que não sinto (*Fam.* 2.4.1) (tradução nossa).<sup>10</sup>

Isso posto, observamos a preocupação com o envio de cartas para cumprir um papel de interação entre aristocratas. Segundo Ebbeler (2001, p. 11), a feitura de epístolas era recomendada em situações nas quais o contato pessoal fosse, necessariamente, impossibilitado. Ou seja, o anseio pela interação gerado pela separação do autor e destinatário motivava a iniciação e a perpetuação das correspondências no século I, apesar de o ideal ser o contato pessoal. Da mesma forma que o *amicus* descumpriria seu compromisso com a *fides*<sup>11</sup> caso não exercesse suas obrigações sociais determinadas pela expectativa de comportamento de um aristocrata romano, também o autor de epístolas seria mal-visto caso se demonstrasse ausente durante longos períodos de tempo.

As relações mediadas por epístolas também eram regidas por critérios comparáveis às feitas pessoalmente e, portanto, atitudes inadequadas em cartas abrem margem para críticas sociais, como Cícero demonstra ao criticar Antônio por ter lido suas mensagens em público (*Phil.* 2.7-8). Outra demonstração da importância do cuidado com a conduta ao discursar através de epístolas ocorre no momento em que Cícero repreende Metelo pela maneira com que exigiu

---

<sup>10</sup> *Epistularum genera multa esse non ignoras sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas. Tuarum enim rerum domesticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistularum genera duo, quae me magno opere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et graue. Utro me minus deceat uti non intellego. Iocerne tecum per litteras? Ciuem mehercule non puto esse, qui temporibus his ridere possit. An grauius aliquid scribam? Quid est quod possit grauiter a Cicerone scribi ad Curionem nisi de re publica? Atqui in hoc genere haec mea causa est ut [neque ea quae sentio audeam] neque ea quae non sentio uelim scribere.*

<sup>11</sup> Silva (2014, p. 48) coloca a *fides* como uma boa fé – preservada pela coletividade – no pacto das relações sociais e no cumprimento dos ritos tradicionais.



escusa do orador por ter atacado seu irmão (*Fam.* 5.2). Portanto, faz-se necessário o cuidado de se justificar adequadamente quando esse tipo de evento ocorre.

Cícero, cuja fama no âmbito forense é deveras conhecida, tornou-se um exemplo no que diz respeito à epistolografia. Afinal, ele é modelo para outros autores que escreveram no gênero. Para exemplificar isso, podemos destacar Plínio, o jovem (*Ep.* 4.8.6-8), quando afirma que Marco Túlio é seu modelo de escrita em suas cartas, e Frontão (*Ep.* 3.8), quando coloca as correspondências do orador acima de seus discursos.

Sendo assim, percebemos o quanto as cartas ciceronianas se destacam na literatura latina. Tendo a retórica como paradigma de escrita, é nesses textos que encontramos um exemplo de comportamento do *uir publicus* no exílio, situação de grande tensão para o *éthos* de um aristocrata, pois ele deixa de cumprir a expectativa de comportamento atribuída a cidadãos romanos. Para a compreensão do contexto político do desterro ciceroniano, devemos nos atentar à utilização feita por Públio Clódio Pulcro do evento da Conjuração de Catilina. Em razão de Cícero, após o pronunciamento de seus discursos contra Lúcio Sérgio Catilina, ter optado por condenar os conjuradores à morte sem julgamento prévio, criou-se uma possibilidade para que Clódio usasse seu poder e sua influência enquanto líder popular para obter uma sanção necessária com o objetivo de aprovar a *Lex Clodia de capite ciuis romani*. Tal lei fundamentou o exílio de diversos *optimates*, inclusive Marco Túlio Cícero, que, em suas epístolas, lamenta frequentemente esse evento.

O exílio não é apenas a exclusão política e geográfica, mas é também uma exclusão social, em que há impossibilidade de exercer a vida pública, sendo, conseqüentemente, algo desonroso para um romano. Existem preocupações com a projeção da imagem de aristocratas diante da *civitas* que se manifestam de diversas formas, desde a apresentação arquitetônica da *domus* até as formas em que são mediadas as relações sociais dele (WALLACE-HADRILL, 1989, p. 64). O ideal de *domus* é elemento de aproximação do cidadão com o ideal de vida pública, porém o exilado fica impossibilitado de se construir a partir desse ideal, pois é privado dessa posse (HALES, 2003, p. 19). A casa simboliza a estrutura física e o status social e político do sujeito (MC INTOSH, 2013, p. 47) e este, com os bens destituídos, torna-se incapaz de participar de um estilo de vida de indivíduo virtuoso, como descrito por Cícero (*Off.* 1.40.145), ao comparar a harmonia que se deve fazer presente em uma apresentação musical que envolve diferentes instrumentos com a harmonia que o cidadão deve ter em sua vida, para que ela não fique fora do tom ideal. O exílio, não obstante, trazia ainda risco de vida ao banido, uma vez que a perda de cidadania romana imediatamente

qualificava o indivíduo como *sacer homo*<sup>12</sup>, de modo que seu assassinato não seria passível de punição. Em uma carta a Ático, Cícero confirma essa ideia e ainda atesta uma espécie de punição àquele que ajuda o exilado, implicando a existência de esforços para a manutenção da política de isolamento social completo do banido (*Att.* 3.4).

A relação entre Cícero e Ático durante o exílio é de grande importância para a compreensão do campo de possibilidades do banido. Em alguns momentos, Cícero (*Fam.* 14.4) dá a entender que existe a dúvida entre ser melhor perder a vida ou sentir a vergonha de ser exilado, como no trecho em que diz: “Não nosso vício, mas a nossa virtude nos assolou. Não cometi nenhum erro, exceto não ter perdido a vida junto com minhas honras.”<sup>13</sup> Além disso, o autor chega até a agradecer Ático por garantir que não se entregasse à morte naquele momento: “Tomara que eu veja o dia em que te agradeça por teres me forçado a viver!”<sup>14</sup> (*Att.* 3.3).

Deve também ser levado em conta o fato de Ático ter sido um influente aristocrata, pois, por meio de seus recursos econômicos, conseguia financiar e amparar as causas políticas que lhe fossem mais convenientes (WELCH, 1996, p. 452-554). Portanto, tê-lo como aliado e manter sua amizade seria de demasiada importância para Cícero no momento de exílio, não apenas pelo fato de sua associação com ele ser um exemplo de filiação com a aristocracia romana, mas também pelo fato de Ático ser dono do que Welch (1996, p. 451) chama de “império financeiro”, por controlar as instituições políticas através do investimento no que lhe fosse favorável. Estando fora de Roma, Cícero estava relegado a contatar Ático por meios limitados, como por exemplo a epistolografia. Nesse sentido, seu próprio lugar enquanto romano era questionável, pois ele passava pelo que os analistas do discurso chamam de paratópico, ou seja, entre o lugar e o não-lugar (MAINGUENEAU, 1983, p. 28). Isso está relacionado ao campo discursivo que lhe permite enunciar enquanto aristocrata, pois enquanto não ocupa o espaço social adequado, seu texto se torna uma forma de lidar com esse impossível pertencimento. A paratopia é confortada na própria enunciação das cartas e, ao longo da escrita de Cícero, é intensificada ou mitigada dependendo de sua situação enquanto cidadão.

A privação dos bens de Cícero poderia culminar na desconstrução de sua identidade enquanto aristocrata e, por isso, ao sofrer o exílio, ele é obrigado a

---

<sup>12</sup> Esse termo era utilizado para indivíduos que sofriam o processo de *sacratio*, no qual um ofensor de uma lei sagrada podia ser morto sem que isso trouxesse consequências jurídicas para o executor/assassino.

<sup>13</sup> *Non uitium nostrum sed uirtus nostra nos adflixit; peccatum est nullum, nisi quod non una animam cum ornamentis amisimus.*

<sup>14</sup> *Vtinam illum diem uideam cum tibi agam gratias quod me uiuere coegisti!*

buscar maneiras alternativas para se reafirmar enquanto romano. Isso foi feito pela escrita das cartas. Porém, estar fora da *urbs* afetava o processo de escrita e a própria maneira pela qual o autor podia se posicionar em seu texto. Maingueneau (2005 p. 55) chama isso de condição de produção, um aspecto que determina os recursos disponíveis para a possibilidade do processo de escrita. Ou seja, as possibilidades discursivas do autor dependem do contexto no qual ele está inserido, não apenas pelo aspecto econômico, mas também pelos diferentes espaços culturais que ele pode ocupar.

Considerando a atividade epistolar durante o exílio como relevante, faz-se necessário para o exilado escrever com a maior frequência possível. Afinal, para um aristocrata, mostrar-se presente seria de grande conveniência para a manutenção de seu *éthos*; no entanto, o contrário também era verdade, e a ausência poderia acarretar interpretações negativas acerca de suas ações (EBBELER, 2001, p. 54).

A paratopia, por fim, também implica em uma necessidade de escrever para ocupar determinado espaço. Dessa maneira, as cartas aproximam o exilado do espaço em que não se está, e, simbolicamente, do *éthos* do espaço desejado.<sup>15</sup> Escrever, necessariamente, fá-lo ocupar o espaço onde não está e imortalizar sua presença lá (POPA 2009, p. 3). Tal como mostra Virgílio em suas *Éclogas* (*Ecl.* 1. 59-63),<sup>16</sup> a perenidade do exílio apaga a presença do *exsul* no coração dos que permanecem na *urbs*. Portanto, sendo a composição epistolar maneira de não ser esquecido, de não ser apagado, deve-se escrever de maneira a ocupar o espaço desejado. As palavras de Virgílio revelam que a perenidade do exílio, na medida em que se estende, apaga pouco a pouco a imagem do *exsul* em Roma. Numa sociedade em que a inscrição no texto literário pode implicar a imortalização daqueles que se apresentem em sua essência, grafar a imagem de um indivíduo pode salvá-lo do esquecimento.<sup>17</sup>

## 2. O *pathos*<sup>18</sup> como estratégia para a escusa da escrita

<sup>15</sup> Essa função de substituição das relações pessoais também era cumprida pelo próprio estilo do gênero epistolar. Segundo Demétrio (228), tanto o tamanho quanto o estilo da carta não devem ser elevados. “E se deve restringir o tamanho da carta, bem como o estilo. Se são demasiado longas e, mais ainda, se apresentarem um modo de expressão mais pomposo, não serão, de jeito nenhum, cartas de verdade, mas sim tratados em que se inscreve um: saudações! É o caso de muitas cartas de Platão e da de Tucídides” (Tradução de Freitas (2001)).

<sup>16</sup> “Antes, cervos no céu céleres pastarão,/ E vagas deixarão peixe à vista na praia;/ Antes, distantes, cada um banido da pátria,/ Beberá no Árar parta ou germano no Tigre,/ Até que em nosso peito aquele deus se apague.”(Tradução de Raimundo Carvalho). *Ante leues ergo pascentur in aethere cerui/et freta destituent nudos in litore pisces;/ ante pererratis amborum finibus exsul/ aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim,/ quam nostro illius labatur pectore uultus.*

<sup>17</sup> Elemento presente na obra de Ovídio (*Am.* 1. 3), Horácio (*Carm.* 3. 30) entre outros.

<sup>18</sup> Segundo Aristóteles (1356a), a emoção (*pathos*, πάθος) é uma forma técnica (inventada pelo próprio orador) de persuasão que se dispõe das emoções do ouvinte através do discurso. Não apenas isso, mas por meio dessa prova artística, é possível ainda trazer ao favor do orador o próprio juiz (1378a).

Diante de uma sociedade tão célebre pela retórica, ao escrever cartas, um romano deveria se preocupar com o efeito discursivo que se manifestava frequentemente nos ambientes aristocráticos. As cartas, como diversos outros gêneros literários, exigiam cuidados, que se evidenciam na escrita ciceroniana. O fato de a composição, todavia, ser dialógica e de representar uma relação social à distância exige que sua escrita seja mediada por outras regras consuetudinariamente estabelecidas para a preservação imagética e o desenvolvimento do renome daquele que a realiza através do jogo socialmente estabelecido. Nesse sentido, o gênero epistolar se mostra como indispensável fonte de análise para o estudo do cotidiano romano, mas também para a compreensão do que deve ser alcançado pelo Cícero exilado para reconciliar seu *éthos* com o da aristocracia, de forma a não o tornar pária do grupo político dominante.

Observando a forma pela qual o orador se utiliza da sua condição de exílio, ou seja, de como ele se apropria da situação que teoricamente colocou seu *éthos* em xeque para justificar suas atitudes em textos epistolares, podemos notar que o evento do banimento foi estabelecido de forma cuidadosa para a manutenção das relações sociais do autor. Vejamos o trecho a seguir, que corresponde ao final da primeira carta endereçada a Ático após o decreto de exílio: “Diria mais palavras a você, se minha própria situação não falasse por mim.”<sup>19</sup> (Cic. *Att.* 3.1).

33

A obrigação social de escrever a um amigo como Ático em grande quantidade poderia gerar estranhamento no momento em que o destinatário percebesse o curto recado apesar da longa distância que os separa. Ainda assim, foi possível utilizar um efeito *patheticus*<sup>20</sup> para amenizar esse problema, através da menção à situação conturbada da vida de Cícero. Nos discursos após seu retorno, o orador menciona que a atitude de deixar a angústia afetar diretamente seu comportamento é questionada do ponto de vista filosófico. No entanto, ele tem uma resposta a essa crítica:

Submeti-me, Reverendíssimos Pontífices, a um agigantado e inimaginável dissabor; não denego nem reclamo minha prudência – a qual não poucos me requeriam, afirmando meu ânimo estar demasiado fraco e consumido. Por acaso eu poderia, arrastado por tantos e tão diversos reveses – os quais por essa razão mesma pretiro devido a não poder sequer lembrá-los sem derramar lágrimas –, renegar minha condição humana e repudiar a disposição natural de nossa espécie? Portanto, com efeito, nem

<sup>19</sup> *Pluribus uerbis tecum agerem nisi pro me apud te res ipsa loqueretur*. Desta citação em diante, todas as traduções das cartas de Cícero são de Marco Antônio Costa (2013), com adaptações.

<sup>20</sup> O efeito ocorre quando há a decorrência da manifestação da emoção nos receptores do discurso.

poderia qualificar de louvável aquela minha ação nem de proveitosa a minha disposição para com a república se, pela causa da república, eu abandonasse aquelas coisas das quais, com igual resignação, eu estava privado; e a essa frialdade de caráter, comparável à rigidez de um cadáver – que mesmo exposto ao calor não esquenta –, consideraria antes insensatez, que virtude. (*Dom.* 97) (Trad. Gilson Charles dos Santos)<sup>21</sup>

“E a essa frialdade de caráter (...) consideraria antes insensatez, que virtude”.<sup>22</sup> Aqui temos uma defesa do uso da emoção no discurso, pois Cícero considera seu exílio uma calamidade tão grande que é comparável a ser queimado (*uritur*), de forma que legitima atitudes normalmente consideradas não virtuosas (a falta de moderação, a inconstância em se comunicar com os amigos).

Esse fenômeno, que apela para a emoção em momentos nos quais o autor percebe que suas falhas serão reconhecidas, ocorre em diversas outras cartas de seu exílio, como nos trechos a seguir: “Não posso mais escrever; de fato estou com a alma debilitada e vilipendiada” (*Att.* 3.2);<sup>23</sup> “Eu vivo de forma triste e passo por uma grande dor. Não sei o que escrever a você” (*Att.* 3.5).<sup>24</sup> Nota-se que nesses trechos a tristeza é gerada por não ocupar um bom local, o espaço do *uir publicus*. Isso se relaciona diretamente com as “queimaduras” descritas pelo orador em seu discurso de retorno, pois indivíduos virtuosos não poderiam deixar de se indignar e de se entristecer com um evento que consideram injusto e contra a República.

É importante também notar que a infelicidade de Cícero não torna inconstante apenas a sua escrita, mas diversas outras de suas obrigações sociais. No entanto, o orador fez questão de dizer que suas atitudes não se davam por conta de um vício, mas de sua tristeza: “Gostaria que você atribuísse mais à minha tristeza do que à minha inconstância o motivo de eu ter partido de repente de Vibão, lugar onde lhe clamava” (*Att.* 3.4).<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> *Accepi, pontifices, magnum atque incredibilem dolorem. Non nego neque istam mihi adscisco sapientiam, quam nonnulli in me requirebant, qui me animo nimis fracto esse atque adflicto loquebantur. An ego poteram, cum a tot rerum tanta uarietate diuellerer, quas idcirco praetereo quod ne nunc quidem sine fletu commemorare possum, infitiri me esse hominem et communem naturae sensum repudiare? Tum uero neque illud meum factum laudabile, nec beneficium ullum a me in rem publicam profectum dicerem, siquidem ea rei publicae causa reliquisset, quibus aequo animo carerem, eamque animi durtiam sicut corporis, quod cum uritur non sentit, stuporem potius quam uirtutem putarem.*

<sup>22</sup> *eamque animi durtiam sicut corporis (...) stuporem potius quam uirtutem putarem.*

<sup>23</sup> *Plura scribere non possum; ita sum animo perculso et abiecto.*

<sup>24</sup> *Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior. Ad te quid scribam nescio.*

<sup>25</sup> *Miseriae nostrae potius uelim quam inconstantiae tribuas quod a Vibone quo te arcessebam subito discessimus.*

Hall (2009, p. 121) afirma que a acusação de *inconstantia* era uma querela séria a ser feita por um aristocrata romano. Para corroborar tal ponto, afirma que Pompeu (*Att.* 8.12B.1) reclama da inconstância de seu aliado por ter mudado subitamente de planos. Segundo Hall, Pompeu ao longo de toda essa carta utiliza um tom que questiona a competência de seu destinatário por conta da atitude repentina e não faz questão alguma de ser respeitoso, revelando o quão importante é para um aristocrata manter a coerência com seus aliados e amigos. Isso explica por que Cícero inicia esta epístola utilizando-se da tristeza para amenizar os efeitos que sua ação viciosa poderia causar. Depois de tantos pedidos para ser encontrado, o orador partiu repentinamente do local, o que poderia comprometer a visão que Ático tinha acerca dele.

Também em cartas direcionadas à sua família, Cícero utilizava o recurso *patheticus*. Na carta a seguir, esse efeito é evidenciado logo no começo, pois um *pater familias* não poderia deixar de exercer a função de seu estatuto social se quisesse permanecer com prestígio:

Eu lhes escrevo cartas com menor frequência do que posso porque todos os momentos são tristes para mim, então, na verdade, quando lhes escrevo ou leio suas cartas desfaço-me em lágrimas de forma que não consigo redigir. Como eu queria que eu fosse menos apaixonado pela vida! Certamente nada ou pouco eu veria de mal na vida. Se a fortuna reservou a esperança de em algum dia eu recuperar algo de conforto, estou menos errado; se esses males são inelutáveis, eu quero sim, minha vida, vê-la o quanto antes e morrer em seus braços, pois nem os deuses que você adorou com grande determinação, nem os homens, aos quais sempre fui fiel, nos favoreceram (*Fam.* 14.4).<sup>26</sup>

Nessa carta, há indícios de que, caso os males sejam inevitáveis, Cícero deve se entregar aos sentimentos e conviver com isso. Novamente, relata-se dificuldade de escrita por conta das lágrimas que preenchem os olhos do escritor ao longo do processo de leitura e redação, pois essa tristeza o impede de se comunicar com a família. Para manter essa ideia, ainda é enfatizado o fato de querer permanecer junto de sua esposa e cair em seus braços, recorrendo

---

<sup>26</sup> *Ego minus saepe do ad uos litteras quam possum, propterea quod cum omnia mihi tempora sunt misera, tum uero, cum aut scribo ad uos aut uestras lego, conficior lacrimis sic ut ferre non possim. Quod utinam minus uitae cupidi fuisset! Certe nihil aut non multam in uita mali uidissemus. Quod si nos ad aliquam alicuius commodi aliquando recuperandi spem fortuna reseruauit, minus est erratum a nobis; si haec mala fixa sunt, ego uero te quam primum, mea uita, cupio uidere et in tuo complexu emori, quoniam neque dii, quos tu castissime coluisti, neque homines, quibus ego semper seruiui, nobis gratiam rettulerunt.*

novamente ao *páthos* para criar a sensação de união com Terência e, por consequência, de vínculo com Roma.

O lamento de Cícero pode ser interpretado como uma estratégia para a constituição de seu *éthos*. Quando o orador afirma que vive triste, na maior das dores, na verdade proclama sua indignação perante a situação que vivencia. Sua dor pode ser interpretada como um recurso retórico para evidenciar o quanto é afetado por males. A oratória ciceroniana muito se beneficia do efeito *patheticus* a partir da demonstração de envolvimento emocional profundo por meio de indignações explosivas e de apelos à piedade no discurso. Dessa forma, torna-se evidente a importância das passagens com cargas emocionais até mesmo em textos jurídicos, indicando a *dolor* do orador para gerar um efeito. As epístolas ciceronianas se encaixam como discurso em defesa de si próprio, em que se deve evidenciar sofrimento mediante uma injustiça.

Terência lhe agradece frequente e intensamente. Isso muito me é apazível. Eu vivo tristíssimo e sofro pela maior das dores. Não sei o que escrever a você. Se estiver em Roma, não pode mais me alcançar; se já estiver na estrada, quando tiver me alcançado, trataremos pessoalmente do que deveremos fazer. Apenas lhe peço que, como sempre me amou, continue me amando, de forma que mantenha o mesmo amor; eu ainda sou o mesmo. Meus inimigos tomaram minhas coisas, mas não a mim de fato. Cuide-se para que fique bem. (*Att.* 3.5)<sup>27</sup>

Como visto, a epístola começa com um agradecimento e mantém a característica descrita na anterior de trazer lamentos junto a uma frase que denota a limitação da extensão da escrita: “não sei o que escrever a você”.<sup>28</sup> Dessa vez, esse recurso retórico é utilizado intensificando o pedido de Cícero para que Ático o encontre depressa, pois se as relações sociais já não podem mais ser mediadas pela escrita, apenas o contato pessoal poderá suprir essa necessidade de comunicação: “quando tiver me alcançado, trataremos pessoalmente do que deveremos fazer”<sup>29</sup>. Como identifica Costa (2013, p. 19), há diversos recursos de repetição na epistolografia do exílio ciceroniano, e postergar o assunto para quando Cícero encontrasse Ático pessoalmente era um deles.

---

<sup>27</sup> *Terentia tibi et saepe et maximas agit gratias. Id est mihi gratissimum. Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior. Ad te quid scribam nescio. Si enim es Romae, iam me adsequi non potes; sin es in uia, cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda. Tantum te oro ut, quoniam me ipsum semper amasti, ut eodem amore sis; ego enim idem sum. Inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt. Cura ut ualeas.*

<sup>28</sup> *Ad te quid scribam nescio.*

<sup>29</sup> *Cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda.*

Posteriormente, o orador pede para que ainda seja amado, como sempre foi, pois ainda é o mesmo: “eu ainda sou o mesmo. Meus inimigos tomaram minhas coisas, mas não a mim de fato”.<sup>30</sup> Pelo fato de isso ser destacado, entendemos que o *éthos* ciceroniano estava instável por conta do fenômeno político que o estabeleceu no exílio. Se ele ainda é o mesmo, pode se considerar romano e demonstra não ter abandonado sua cidadania. Além disso, o ato de abdicar desse estatuto social é voluntário e, na epístola, Cícero deixa claro que foram os inimigos que tomaram suas coisas, e não ele que as abandonou (CLAASSEN, 1999, p. 11).

Em outra carta (*Att.* 3.7), Cícero volta a deixar a própria situação falar por si, mas, dessa vez, o exilado questiona a própria capacidade de escrita, pois a dor seria tanta que interferiria mesmo nessa habilidade. A desolação continua sendo utilizada como justificativa para escrever pouco: “Escrever-lhe-ia mais amiúde e mais longamente se a minha dor não tivesse me privado não só de todas as funções da razão, mas principalmente dessa habilidade específica”.<sup>31</sup>

Assim, como uma espécie de recusa da própria habilidade de redigir ou de formular adequadamente um discurso por meio de cartas, o autor estabelece como inadequado escrever demais, tornando mais palatável a curta epístola. Portanto, Cícero apropriou-se da condição de exilado para construir uma narrativa que lhe possibilitou jogar com outras regras do discurso epistolar, modificando seu tamanho e conteúdo de acordo com a situação.

### Considerações finais

Os lamentos de Cícero, vistos diversas vezes por célebres autores, como James May (1988), como causados pelos problemas psicológicos sentidos durante o exílio, podem, na verdade, ser interpretados como elementos de uma estratégia retórica, tanto para se associar com os destinatários romanos a partir do envolvimento emocional quanto para mostrar a indignação do orador frente a uma situação de injustiça. Assim, o Cícero exilado se constitui como aquele que lamenta pela impossibilidade de exercer o papel que havia tido anteriormente, que, segundo o próprio, é o do indivíduo que cresceu com glórias e que, com sua voz ativa, protegeu tanto os que lhe eram pares quanto os que lhe eram estranhos. Sua tristeza cria em sua imagem aspectos que denotam seu descontentamento não apenas com sua própria condição, mas com sua impossibilidade de cumprir o papel de orador e *uir publicus*. A partir dessa noção, o orador negocia sua posição social e o espaço ocupado por si a partir de estratégias discursivas

<sup>30</sup> *Ego enim idem sum. inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt.*

<sup>31</sup> *Ego et saepius ad te et plura scriberem, nisi mihi dolor meus cum omnis partis mentis tum maxime huius generis facultatem ademisset.*



durante a epistolografia. A constituição de seu *éthos*, portanto, é feita a partir do próprio ato de escrever, que lhe qualifica enquanto apto para se inserir nessa identidade pela sua distinção em relação aos outros indivíduos.

Ora impossibilitado de afirmar uma identidade desejada, o exilado, por conta de sua condição, passa a ser obrigado a encontrar alternativas para se conectar a seus pares: Ático se encaixa perfeitamente em um perfil de indivíduo bem-visto pelas aristocracias romanas e com poder econômico e cultural adequados para a solidificação da possibilidade do retorno de Cícero. Sendo assim, a maneira como Cícero preencheu suas cartas ao longo do banimento estava guiada por um fim estratégico de construções representativas de si próprio como alguém que gostaria de estar cumprindo o próprio papel, escrevendo frequentemente e agindo como *uir bonus*, mas para quem o exílio foi um empecilho.

A epistolografia ciceroniana ao longo do exílio, no entanto, não se resume a essas representações espaciais, mas também tinha o propósito de enviar e requisitar informações à distância. O conhecimento dessas informações era de suma importância para determinar quais estratégias políticas deveriam ser seguidas para a restauração, o que significa que havia uma relação de dependência entre Cícero e seus destinatários. Estes, todavia, o ajudavam de diversas formas, tanto na administração de seus recursos quanto na movimentação de articulações para exigir o retorno do arpinate. Nesse sentido, pensamos na circulação de cartas e em seus mecanismos de entrega, que eram mediados pelos escravos, como sendo fundamentais para a compreensão dos conflitos políticos naquele momento. Esses indivíduos, assim sendo, tiveram grande papel na comunicação aristocrática e, por consequência, no retorno de Cícero de seu exílio.

## REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. **Retórica**. Trad. de Manoel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

BILLOWS, Richard. **Julius Caesar: the Colossus of Rome**. Routledge: Taylor & Francis, 2009.

BRUNT, Peter. **The Fall of Roman Republic and Related Essays**. Oxford: Clarendon, 1988.

CICERO. **Orations**: Pro Archia. Post Reditum in Senatu. Post Reditum ad Quirites. De Domo Sua. De Haruspicum Responsis. Translated by Neville Hunter Watts. Cambridge: Harvard University, 1923.

CÍCERO. **Da Amizade**. Trad. De: Gilson C.C de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CICERO. Cartas a Ático. *In*: COSTA, Marco Antônio. **Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição**. Dissertação (Estudos Literários). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CICERO. Cartas aos amigos. *In*: COSTA, Marco Antônio. **Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição**. Dissertação (Estudos Literários). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CICERO. Cartas ao irmão Quinto. *In*: COSTA, Marco Antônio. **Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição**. Dissertação (Estudos Literários). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CICERO. Segunda Filípica. Tradução de Bruna Fernanda Abreu. *In*: Abreu, Bruna Fernanda. **A Segunda Filípica**: Tradução e estudo do ethos segundo a retórica de Cícero. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos e da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2017, p. 108-146.

39

CLAASSEN, Jo-Marie. **Displaced persons**: The Literature of Exile from Cicero to Boethius. Madison: University of Wisconsin, 1999.

CORBEILL, Anthony. Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire. *In*: Dominik, William; Hall, Jon. **A Companion to Roman Rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007, p. 69-82.

COSTA, Marco Antônio. **Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição**. Dissertação (Estudos Literários). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

DEMÉTRIO. Sobre o Estilo. *In*: FREITAS, G. A. de. **Sobre o Estilo de Demétrio**: um olhar crítico sobre a literatura grega (Tradução e estudo introdutório do tratado). 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

DOMINIK, William J. As origens e o desenvolvimento da retórica romana. *In*: Amarante, José; Lages, Luciene (org.). **Mosaico Clássico**: Variações acerca do Mundo Antigo. Salvador: Universidade Federal da Bahia, p. 95-109, 2012.

EBBELER, Jennifer V. **Pedants in the apparel of heroes?: Culture of Latin letter writing from Cicero to Ennodius**. 2001. 244 p. Dissertation (degree of doctor) - Faculties of the University of Pennsylvania, Pennsylvania, 2001.

EBBELER, Jennifer V. Mixed messages: The play of Epistolary Codes in Two Late Antique Latin Correspondences. *In*: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew (org). **Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography**. New York: Oxford University, 2007.

FOX, Matthew. Rhetoric and Literature at Rome. *In*: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). **A Companion to Roman Rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007.

GIBSON, Roy; MORRISON, Andrew D. Introduction: What is a Letter? *In*: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew D. **Ancient Letter: Classical and Late Antique Epistolography**. New York: Oxford University, 2007.

HALES, S. **The Roman House and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University, 2003.

HALL, Jon. **Politeness and Politics in Cicero's Letters**. New York: Oxford University Press. 2009.

40

---

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. Rio de Janeiro: **Matraga**, v. 20, n. 33, p. 11-46, 2013.

LOMAS, K.; CORNELL, T. **Bread and circuses: evergetism and municipal patronage in Roman Italy**. London: Routledge, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Sémantique a la polemique: Discours religieux et ruptures ideologiques au XVII siècle**. Lausanne: l'Age d'homme, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. A. SOBRAL. São Paulo, Contexto, 2014.

MATOS, Marly de Bari. **Cartas de Cícero: o exílio, o retorno e a adesão ao triunvirato (58 a 56 a.C.)**. Dissertação (Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

MAY, James. Cicero: his life and career. In: MAY, J. M. (Org.) **Brill's companion to Cicero**: Oratory and rhetoric. Boston: Brill, 2002.

MAY, James. **Trials of Character. The eloquence of Ciceronian ethos**. Chapel Hill: North Carolina, 1988.

MCINTOSH, Gillian. Cicero and Exile: Building a House of Letters. **Syllecta Classica**, University of Iowa, 24, p. 47-76, 2013.

MORGAN, Theresa. *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

PLINY. **Letters**: Books I-VII. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.

OLIVEIRA, Alessandro Carvalho da Silva. *Quid enim sum? O lugar do exilado na epistolografia ciceroniana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

POPA, Tiberiu. Self and other in Catullus' "immortalizing" poetry. *Classics Ireland*, v. 16, p. 1-25, 2009.

41

SANTOS, Gilson Charles dos. Proposta de tradução do Discurso em agradecimento ao povo romano, de Cícero. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, v.6, n. 1, p. 162-171, 2018.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. **A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a.C.)**. 2014. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

TRAPP Michael. **Greek and Latin letters**: an anthology with translation. New York: Cambridge University, 2003.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Patronage in Roman society: from republic to Empire. In: WALLACE-HADRILL, A. (Ed.) **Patronage in ancient society**. London: Routledge, p. 63-87, 1989.

WELCH, Kathryn E. T. Pomponius Atticus: A Banker in Politics?. **Historia: Zetschrift für Alte Geschichte**. Bd. 45, H. 4, 1996, p. 450-471.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença" In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva os estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

ZUIDERHOEK, Arjan. **The Politics of Munificence in the Roman Empire: Citizens, Elites and Benefactors in Asia Minor**. Cambridge: Cambridge University, 2009.

Data de envio: 17/09/2021

Data de aprovação: 10/12/2021

Data de publicação: 27/12/2021